



## ENSINAR E APRENDER EM CONTEXTOS NA WEB: modos e espaços

Dorcas Janice Weber

**RESUMO:** As tecnologias digitais da informação e comunicação têm despontado novas características na estruturação social, apresentando modificações na busca por adaptar-se aos novos modos de organização, destacando-se a virtualização. Hoje a maioria das instituições possui sua página na internet e muitas ações ocorrem on-line. Contudo, os processos de integração das tecnologias digitais da informação e comunicação nas culturas, seguem sendo tema urgente de investigação, em especial no campo educacional. Propõe-se, aqui, refletir sobre os modos e espaços educativos (formais, não-formais e informais), e suas relações com a web. Autores como Lévy, Libâneo, Sancho, Moreira e Monteiro são alguns dos referenciais que auxiliam a elaborar reflexões sobre as características dos processos educativos no contexto da web. Eles nos trazem elementos distintos que nos guiam pela cibercultura, pelos conceitos e modalidades educativas e pela constituição social atual. Um olhar sobre suas teorizações nos permite compreender que as mudanças nos modos de organização social têm desvelado a urgência por mudanças nas ações educativas e, especialmente, nos lugares educativos. Assim, as reflexões movem-se em direção de uma nova compreensão sobre fazer educação em tempos em que as tecnologias digitais da informação e comunicação estão integradas cada vez mais às culturas nas sociedades.

**Palavras-chave:** Espaços educativos, Modalidades educativas, Web.

**ABSTRACT:** Digital information and communication technologies have developed new characteristics in social structuring, presenting changes in the search to adapt to new modes of organization, especially virtualization. Today most institutions have their website and many actions take place online. However, the processes of integration of digital information and communication technologies in cultures continue to be an urgent research theme, especially in the educational field. It is proposed, here, to reflect on the educational modes and spaces (formal, non-formal and formal), and their relations with the web. Authors such as Lévy, Libâneo, Sancho, Moreira and Monteiro are some of the references that help to elaborate reflections on the characteristics of educational processes in the context of the web. They bring us distinct elements that guide us through cyberculture, educational concepts and modalities and the current social constitution. A look at their theorizations allows us to understand that changes in the modes of social organization have unrelated the urgency by changes in educational actions and, especially, in educational places. Thus, reflections move towards a new understanding of education at a time when digital information and communication technologies are increasingly integrated into cultures in societies.

**Keywords:** Educational spaces, Educational modalities, Web.

### INTRODUÇÃO

Passa-se a vida em movimento constante de adaptar-se, buscar e cruzar com outras maneiras de agir e ser, movimento ao qual denominamos de educação. Libâneo (2002) apresenta uma discussão sobre o conceito de educação que nos permite defini-la



como um conjunto de processos que ocorre nas pessoas, de diferentes formas e em distintos contextos, por meio de suas relações no meio natural e social, influenciadas por estes, que afetam o desenvolvimento e o comportamento das pessoas no seu relacionamento com diversos contextos nos quais circulam interagem ao longo da vida. Neste processo estão imbricadas relações de interesses sociais, pessoais e de poder que se intercalam e se mesclam em momentos e situações distintos. Ou seja, diferentes modos, situações e espaços promovem mudanças de comportamento nas pessoas a partir das ações exercidas individual ou coletivamente.

A constituição das sociedades, influenciada pelo comportamento das pessoas, vem vivenciando mudanças significativas nas últimas décadas. Muitas delas devido ao advento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC). Mesmo naquelas sociedades, ditas não muito industrializadas, observa-se alterações oriundas do imenso desenvolvimento tecnológico ocorrido nas últimas décadas. Sancho (2006) aponta alguns efeitos das TDIC na configuração das sociedades atuais. Uma delas constitui a alteração da estrutura de interesses e prioridades sobre as coisas que constituem a vida. Outro aspecto diz respeito às mudanças nas ferramentas que usamos para organizar e estruturar a vida. O terceiro efeito diz respeito a natureza das comunidades, que ganhou novos modos de se constituir. Esses três aspectos vêm despontando outros modos de comportamento das pessoas e, por consequência, trouxeram mudanças significativas em distintos âmbitos da constituição social, desvelando, também, outras necessidades, diante disso, muitas instâncias têm buscado se adaptar a fim de acompanhar as mudanças sociais.

As TDICs têm proporcionado amplo acesso às informações e facilitou processo de comunicação para a maioria das pessoas que antes estavam restritas aos contatos e informações que circundavam seu meio ambiente. Esta facilidade em acessar dados trouxe efeitos de hibridação nas práticas culturais, visto que os limites culturais tornaram-se mais flexíveis com a facilidade de disseminação da informação. Canclini (2006) nos coloca que por hibridação são entendidos os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p. XIX). No contexto das culturas, essa hibridação nem sempre é entendida como boa, na medida em que pode trazer efeitos devastadores em determinados aspectos de sua constituição.



O grande desafio dessas sociedades, nas quais a facilidade e velocidade com a qual se consome todo tipo de produtos, desde objetos, aspectos culturais e informações traz a inquietação sobre o que de fato é consumido de maneira benéfica. Ter acesso facilitado não significa que as pessoas estejam aptas a processar as informações de modo que as transforme em conhecimento. Deste modo, o discurso sobre a democratização do saber com o uso das TDIC acaba por não ser muito efetivo e, talvez, até agrave ainda mais as diferenças sociais. Sabe-se que a inserção das TDIC nas práticas culturais, ou seja, nas ações cotidianas das sociedades, é um processo sem retorno e cada vez mais está se consolidando. Além disso, é preciso lembrar que as informações por elas disponibilizadas não possuem caráter neutro, afinal, são produzidas por pessoas que carregam em si valores e intenções. Considerando que há uma carga cultural sendo disponibilizada em rede e a sua expectativa de longa permanência é evidente a necessidade de considerá-las no âmbito da educação.

Os contextos sociais hoje, imersos em aparatos tecnológicos e modos de buscar informação e de se comunicar, diferem bastante de algumas práticas desenvolvidas nas instituições que se propõe a educar. A educação formal, como processo cultural, tem apresentado mudanças pequenas na sua forma de constituição. As práticas escolares, de uma maneira geral, seguem estruturando seus currículos a partir de materiais didáticos legitimados e selecionados por instâncias governamentais no caso das instituições públicas, ou pelas próprias instituições escolares, desconsiderando o amplo acesso às informações por meio de outras ferramentas. Por muito tempo na história o acesso à informação estava restrito à determinadas classes sociais e espaços. As instituições educacionais eram detentoras de grande parte das informações científicas e o acesso à elas abria as portas para o acesso à informação. Mas, esta concepção de instituição educacional, em especial, as escolas e universidades, como locais onde se busca a informação está adaptada para esta sociedade na qual o acesso às informações e a comunicação está na palma da mão? Quais as mudanças nos espaços da educação ocorreram com a integração das TDIC nas culturas? O modo de aprender passou por alterações? Os papéis dos autores envolvidos continua o mesmo? Neste escrito busca-se refletir sobre os modos, espaços e atores da educação nas sociedades considerando o a inserção das TDIC em seu desenvolvimento.



## MODOS E LUGARES DA EDUCAÇÃO

380

Ao longo da história da civilização as sociedades foram criando modo e lugares destinados a educação. Autores como Libâneo (2002), Trilla-Bernet (2003) e Gohn (2006) nos auxiliam na compreensão dos lugares da educação e seus espaços nas culturas. A organização das sociedades apresenta ações educativas com diferentes características que estão diretamente relacionadas às especificidades do lugar onde ela é desenvolvida e seus objetivos.

Um lugar bastante conhecido e relacionado à educação é o espaço escolar, resultado de sua inserção nas culturas. Lugares como escolas de educação básica, técnicas e universidades compõe um grupo de instituições que oferecem ações educativas intencionais, possuem objetivos definidos e atendem à necessidades sociais. Além disso, desenvolvem suas práticas atendendo às demandas e solicitações advindas de instâncias governamentais, por isso, suas ações são denominadas de educação formal.

Ainda apresentando propostas educativas intencionais, porém com menor grau de sistematização e sem que estejam atendendo a determinações governamentais, estão as propostas educativas desenvolvidas em instituições culturais como museus, centros de cultura e ciências, ONG, etc. As propostas desenvolvidas por estas instituições abrangem um público diversificado, possuem financiamento advindo de diferentes instâncias e possuem uma sistematização mais flexível, estas ações são denominadas de educação não formal.

Os autores citados destacam ainda outra modalidade educativa que ocorre de modo não intencional, caracterizada por aquelas ações que acontecem em situações de socialização, na família, com os amigos. Não há uma proposta pedagógica definida, são processos impregnados no meio social e são apreendidos pela vivência. Estas ações, também educativas, são denominadas de educação informal.

Evidentemente que compreendendo estas três dimensões de educação de maneira independente, no cotidiano das culturas elas cruzam e mesclam. Bruno (2014, p. 16) alerta que “nem sempre os contrastes são claros, ou mutuamente exclusivos, as marcas predominantes desta ou daquela modalidade cruzam-se de diferentes modos com a amplitude dos processos educativos, abrangendo uma diversidade de práticas, atores,



modelos e lógicas de ação”. Deste modo, para que defina os limites é preciso focar e observar as evidências das ações.

Podemos observar a educação formal, cujo lugar concentra-se na escola, esta instituição, em seu processo pedagógico faz uso de abordagens educativas não formais e informais. Da mesma maneira, as instancias não formais e informais podem utilizar de recursos advindos da educação formal. Tais como a atribuição de certificação de participação em propostas realizadas em espaços não formais.

Deste modo, apesar da possibilidade de compreendermos cada um dos modos de educação de maneira independente é preciso ter consciência de que as ações de ensinar e aprender não ocorrem desconexas umas das outras e que os modos educativos hibridam-se a partir de diferentes ações desenvolvidas em diferentes locais.

## **ESPAÇOS DE ENSINAR E APRENDER NO CONTEXTO DA WEB**

Nas últimas décadas, com o advento da internet, muitas instituições, de diferentes categorias, desenvolveram espaços virtuais migrando suas ações, ou parte delas, para este contexto, onde estabelecem relações de comunicação sem que haja necessidade de contato físico. Esse processo de virtualização, é denominado por Piere Lévy (1996) como a “passagem do atual ao virtual, em uma 'elevação à potência' da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade” (p.17). Inserir-se no contexto virtual e criar um endereço online é uma das exigências que despontaram nas sociedades nos últimos anos.

Neste cenário, as instâncias educativas também passaram a adaptar-se. Em um primeiro momento houve a criação de websites contendo informações gerais sobre a instituição, endereço, horário de atendimento e contatos. Contudo, com o decorrer dos tempos tais instituições passaram a organizar seus espaços na web de maneira mais complexa. Se no princípio, as páginas da web eram informativas, atualmente, algumas delas propõem uma interação com o visitante a partir de formulários, questionários, entre outros.



No caso das instituições de educação formal, como escolas e universidades, estas têm utilizado a internet como lugar onde podem realizar parte de suas ações. O despontamento da internet e o crescimento de sua acessibilidade desencadeou ações de educação a distância (EAD) com a utilização de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), antes realizadas via correio, em especial nas universidades. Os AVA, de maneira geral, são desenvolvidos com propósito educacional, contudo são ambientes genéricos que ao serem adotados por alguma instituição são adaptados de maneira a atender às necessidades específicas, como é o caso do Moodle, um sistema de gerenciamento de cursos online. Deste modo, os AVA constituem espaços oficiais de formação que atuam em paralelo com o ensino presencial.

No contexto das escolas de educação básica, uma observação ligeira aos websites das instituições nos permite dizer que estes seguem apresentando informações sobre as características da instituição, sua história, meios de contato, projetos realizados. Contudo há aquelas que passaram a fazer uso de AVA como parte complementar às suas práticas.

Com o despontamento de ações educativas a distância, e as novas formas de pensar a educação, surgem os MOOC (Massive Open Online Course), cursos oferecidos em AVA de modo aberto para um grande público. Tais cursos são bastante encontrados em ambientes genéricos, ou seja, não estão diretamente com instituições educacionais e acolhem cursos de diferentes instituições que ofertam alguma formação de modo aberto, sem que haja necessidade de realizar ingresso oficial na instituição. Nos ambientes de MOOC podem ser encontradas opções de formação desenvolvidas por instâncias formais e não formais.

Instituições não formais também têm desenvolvido websites nos quais apresentam suas especificidades e atividades. Um olhar rápido em páginas de museus na web permite dizer que há uma diversidade de características. Henriques (2004), nos atenta de que há alguns sites apresentam apenas informações básicas de funcionamento, outros apresentam seu acervo, e há ainda outros que propõe interação com o visitante a partir da disponibilização de materiais ou games. Com esta configuração, nota-se a vontade em transpor suas ações para o contexto online, mesmo que ainda de modo tímido.



O contexto da educação informal também tem povoado o contexto da web, estas ações têm ocorrido em especial nas redes sociais, que constituem um nicho da web no qual as pessoas estabelecem relações abertas e sem hierarquia. Miranda, Morais, Alves & Dias (2014) alertam que os “contatos sociais desenvolvidos nessas redes têm grande impacto na interação, transmissão e partilha de informações” (p.73). Com vistas à esta interação, instâncias de diferentes características vieram a criar seus perfis nas redes sociais, intensificando suas relações com seu público, inclui-se neste contexto as instituições educativas formais e não formais.

Neste sentido, se faz necessário pensar nos modos de caracterizar as modalidades anteriormente citadas aos processos educativos desenvolvidos no contexto das TDIC. Começamos a pensar nos espaços formais de educação, tais como escolas, universidades e instituições que oferecem cursos profissionalizantes. Mesmo não tendo realizado um levantamento, é possível dizer que a maioria das instituições que se incluem nesta categoria possuem páginas na web. De modo geral, é possível observar que, em sua maioria, os sites não oferecem estrutura educacional e apresentam apenas dados informativos sobre as instituições ou banco de dados. Algumas instituições desenvolveram ambientes específicos para o desenvolvimento de atividades nomeadamente educativas, este são denominados Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Os AVA muitas vezes são espaços genéricos desenvolvidos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e podem atender à diferentes instituições. Como exemplo tem-se o Moodle, Edmodo.

## **REDES SOCIAIS E A HIBRIDAÇÃO DOS PROCESSOS EDUCATIVOS**

O surgimento das redes sociais tem produzido um movimento impensável nas relações sociais. Em um primeiro momento foram criadas para comunicação entre as pessoas, porém, as redes sociais têm se tornado um espaço no qual além de espaço de comunicação, tem sido um lugar de trocas, formação de opinião e, também, de ensino. As estruturas das redes sociais têm possibilitado “trabalhar e aprender com os outros numa colaboração global criativa fora das estruturas educacionais, exigindo uma nova ecologia



de aprendizagem” (Downes, 2005 apud Moreira, J. A.; Januário, S. & Monteiro, A., 2014).

Este modo de organização social tem ampliado os espaços educativos e possibilitado uma aproximação entre os diferentes contextos, formais, não formais e informais e despontado desafios para os profissionais neles envolvidos. Caracterizadas por uma forte ferramenta de aproximação das instituições com seus usuários, as redes sociais têm colocado em contato, dentro de suas estruturas, pessoas, organizações e instituições de diferentes características. Fato que também move a criação de diferentes redes, cada uma delas atendendo à diferentes identidades e objetivos. Hoje as possibilidades estão bem diversas, tendo como as opções mais conhecidas o Facebook, Twitter, Instagram, Pinterest, Flickr, WhatsApp, Google+, My space, Baboo e Youtube. Neste cenário, cada instituição e/ou indivíduo busca aquela que melhor atende seus objetivos.

Ainda que instituições educativas estejam presentes nas redes sociais, sua integração com as práticas pedagógicas, independente dos espaços, ainda apresenta resistências em espaços formais e não formais. É possível notar que algumas instituições tem feito uso do Youtube como ferramenta de compartilhamento de algumas de suas ações. É possível encontrar muitos vídeos institucionalizados disponibilizados de modo aberto em canais de instituições educativas formais e não formais. Desta forma, espaços de redes sociais têm se caracterizado, também, como ambientes de aprendizagem, mesmo que não tenham sido desenvolvidos com este propósito e, assim, atuam em paralelo com as práticas desenvolvidas em seus espaços oficiais, seja na web ou espaço físico.

É importante enfatizar, também, que nos contextos das redes sociais, não apenas instituições, mas pessoas têm compartilhado vídeos e tutoriais em diferentes formatos de modo a conquistar muitos seguidores que buscam nestas produções informações e com as quais constroem seus conhecimentos. Este aspecto é fator crucial no atual contexto social, mais especificamente, no que diz respeito às práticas educativas. Por muito tempo, a produção da informação a ser divulgada estava restrita àqueles que tinham um certo nível de conhecimento e eram reconhecidos por tal. Da mesma forma que a disponibilização estava restrita em alguns espaços para algumas pessoas, a sua produção também era restrita. Contudo, o percurso das redes sociais tornou a produção e o acesso





à informação algo descontrolado. Os produtos disponibilizados nas redes sociais são produzidos por pessoas diversas, fator que torna determinados temas e assuntos mais próximos das outras pessoas. As produções antes, revestidas de uma aura, hoje tornaram-se algo banal e acessível.

Assim, em um contexto, inicialmente social de comunicação, começaram a se estabelecer relações de ensino aprendizagem de diferentes modos. Contudo, mesmo que possamos compreender que ações e instâncias formais, informais, e não-formais estejam atuando no mesmo espaço, suas ações ainda parecem deslocadas das ações educativas tradicionalmente assim consideradas. Cada vez mais integrados a vida das pessoas, urge pensar e colocar em ação práticas pedagógicas que venham de encontro com as ações das instituições no contexto virtual.

De um modo geral, as produções compartilhadas nas redes sociais, vídeos, tutoriais, infográficos, todos eles têm uma estrutura didática, uma didática do virtual. Onde ensinar e aprender tornaram-se ações corriqueiras. Este novo contexto coloca em questionamento o papel daquele que ensina. Afinal, quem é esta personagem hoje? Onde está?

Ao longo dos tempos temos aprendido e atribuído a nomenclatura de professor àqueles profissionais, com formação específica e que estão à frente de turmas nas escolas. Ou seja, há uma formação específica e um local de atuação. Contudo, com o novo contexto social, em que há espaços virtuais onde pessoas ensinam e aprendem, é preciso repensar as figuras dos educadores e também os espaços educativos e, talvez, discutir sobre eles para além das discussões em termos de cultura, pois o que se observa uma intencionalidade pedagógica em várias ações disponibilizadas nos espaços virtuais.

## POTENCIALIDADES

Moran (2015) alerta que para a atual configuração social os espaços formalizados de educação já não são suficientes e sugere que haja um processo de hibridação dos espaços e processos educativos. E a escola, do modo como está estruturada e como sendo o principal espaço educativo não é suficiente para atender as necessidades sócio-culturais atuais. Por muito tempo a escola foi a instituição cuja ação era de educar,



de transmitir as informações àqueles que dela necessitavam de modo que pudessem adequar-se às necessidades da sociedade. Neste entendimento, os processos educativos constituem um conjunto de ações e processos que estimulam a adaptação dos sujeitos ao meio no qual estão inseridos. Diante disso, é primário pensar e compreender as sociedades para então pensar sobre as práticas pedagógicas.

O meio ambiente, assim como suas culturas, são instâncias em constante mudança e, por conta disso estão sempre ganhando outras características. Com a complexificação das sociedades, novos espaços e entendimentos sobre a educação foram surgindo. Cada espaços com sua dimensão pedagógica e estabelecendo mais ou menos relações com instâncias educativas formalizadas.

Tendo em vista que os processos educativos, independente de sua intenção sempre estão voltados para atender às novas configurações sociais é preciso compreender como e onde as práticas educativas estão estruturadas e como podem estabelecer relações de modo que de possibilite um processo de hibridação consciente na educação de modo geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Práticas educativas são comuns, tanto que pouco se pensa ou se fala na ação de conceituar ou explicar determinadas situações. De um modo geral, no senso comum, quando o tema é educação está relacionado ao espaço da escola. E de fato, por muito tempo coube apenas à escola a ação de educar, no sentido de transmitir as informações àqueles que dela necessitavam. A escola ainda tem seu papel nas sociedades segundo Libâneo (2002), uma vez que a ela é atribuída a responsabilidade de oportunizar às pessoas conhecer as produções científicas produzidas ao longo da história, com a intensão de que estas informações favoreçam o desenvolvimento humano. Mas, com o passar dos tempos o surgimento de novos espaços e de novos entendimentos sobre a educação, surge também a necessidade em definir e delimitar a ação em cada um desses espaços.

Vários autores têm dedicado suas investigações para pensar os processos e lugares da educação nas sociedades, em sua maioria tomam por referência espaços e lugares físicos, nos quais ocorrem ações educativas. Contudo, os avanços tecnológicos



despontados nas últimas décadas, têm possibilitado mudanças nos modos de estruturação social, de comunicação, consumo e, também, nas práticas de ensinar e aprender.

É evidente e aceitável a inserção das TDIC nas práticas cotidianas das culturas, contudo, sua inserção nas práticas pedagógicas desenvolvidas por instituições educativas ainda carece de estudos e experimentações. É possível notar a presença de algumas ferramentas nas ações realizadas nas escolas, como computadores e tablets, mas integrar as informações disponibilizadas na web às práticas educacionais ainda parece ser uma ação complexa. Há necessidade de se quebrar o paradigma do professor como detentor do conhecimento, ou informação, e como aquele que ensina. Ultrapassar hábitos parece mais complexo que aprender a utilizar ferramentas desconhecidas. Proceder de modo distinto desconstrói saberes e faz com que o professor saia de sua zona de conforto e talvez seja este o maior desafio a ser vencido.

387

## REFERÊNCIAS

BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. In: Mediações, vol 2 nº 2. 2014 Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal. Retirado em [mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/download/74/pdf\\_35](http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/download/74/pdf_35). Acesso em 10 nov 2020.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 2006.

GOHN, Maria. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação, 14 (50), 27-38. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em 10 nov. 2020.

HENRIQUES, Rosali. Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus. 2004. Disponível em <https://docplayer.com.br/3773398-Museus-virtuais-e-cibermuseus-a-internet-e-os-museus-1.html>. Acesso em 10 nov. 2020.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José C. Pedagogia e pedagogos, para quê?. São Paulo: Cortez, 2002.



MIRANDA, L.; MORAIS, C.; ALVES, P. & DIAS, P. Redes sociais na aprendizagem: motivação e utilização dos estudantes do ensino superior. In Moreira, J. A., Barros, D. M. & Monteiro, A. Educação a distância e eLearning na websocial. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

MORAN, José. Educação Híbrida. In: Bacich, L.; Neto, A. & Trevisani, F. Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

MOREIRA, J. A. & MONTEIRO A. Ensinar e aprender online com tecnologias digitais: abordagens teóricas e metodológicas. Porto: Porto Editora, 2012.

MOREIRA, J. A.; JANUÁRIO, S. & MONTEIRO, A. Educar na (sociedade em) rede social. In Moreira, J. A., Barros, D. M. & Monteiro, A. Educação a distância e eLearning na websocial. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

SANCHO, Juana M.; HERNANDEZ, Fernando. Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TRILLA-BERNET. La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 2003.